

**FALANDO DE SI:
IDENTIDADE E MEMÓRIA (PROFISSIONAIS) NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Raquel Félix Conti¹

RESUMO

Este texto é um registro da nossa trajetória como profissional, assumindo uma narrativa pessoal sobre o processo de constituição de uma instituição museológica na qual atuamos há mais de uma década (de maneira descontínua), mas é também o compartilhamento de uma experiência com o ensino de História para aqueles e aquelas que estão, como nós, nesse ofício. Trata-se, portanto, de trazer à lembrança uma memória profissional ligada à Escola da Ciência – Biologia e História (ECBH) e colocar em discussão as potencialidades educativas da instituição, isto é, o ensino de História na perspectiva museal.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História, Escola da Ciência, Educação Museal

ABSTRACT



This text is a record of our history as a professional, taking a personal narrative about the process of setting up a museum institution in which we operate for over a decade (discontinuously), but is also sharing an experience with teaching History for those men and women who are like us, in that work. It is, therefore, bring to mind a memory connected to the professional School of Science - Biology and History (ECBH) and put into question the educational potential of the institution: the teaching of history at the museum perspective.

KEY WORDS: Teaching History, School of Science, Museum Education

Para desenvolver a narrativa, gostaríamos de ressaltar, desde logo, que a ECBH integra o Sistema Municipal de Ensino (SME) de Vitória (ES), uma experiência educacional rara nesse segmento se considerarmos que os Centros de Ciência em todo o Brasil geralmente estão ligados a Universidades ou Fundações. Com o mesmo propósito, esclarecer que,

¹ Mestre em Educação. Professora de História da Rede Municipal de Ensino (Vitória – ES)

devido ao espaço limitado para tratar de tema tão amplo, pretendemos nos deter em dois aspectos que consideramos fundamental na instituição: a formação de professores/as e a utilização de roteiros temáticos no atendimento cotidiano às escolas, especialmente aquelas pertencentes ao SME, ambos em discussão na ECBH com a intenção de produzir um Projeto Político-Pedagógico para a instituição, com publicação prevista para novembro de 2011, na comemoração da primeira década de funcionamento do espaço expositivo.

Começando do começo, nossa relação com a instituição vem desde a tentativa de concepção curatorial/ conceitual da coleção ali reunida no final da década de 1990, exibida num espaço expositivo de cerca de 1500 m². Essa coleção definiu a base das possibilidades discursivas que poderiam ser construídas, mas que, à época, a referida concepção não estava clara.

Entretanto, buscando intuitivamente na história e na paisagem locais nossas referências, fizemos uma escolha que nos parece acertada até hoje. Tantos anos depois, continuamos a ter a questão local entre nossos objetivos, constituindo-se num elemento que permanece em meio às mudanças que, nos últimos tempos, a instituição vem se esforçando para implementar em seu saber/fazer educacional, na direção da qualidade do ensino.

Essa experiência, para nós que vínhamos do “chão da escola”, deixou marcas que se traduziram num projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES), na linha de pesquisa de Formação de Professores/as, no ano seguinte à inauguração da ECBH, ocorrida em novembro de 2001.

Nessa oportunidade, realizamos uma pesquisa fundamentada no conceito de fronteira, conforme formulado por Boaventura de Sousa Santos (2002) para uma compreensão mais aproximada do nosso objeto de estudo, considerando a formação de professores/as. Tomando esse conceito como eixo e visando desenvolver propostas alternativas ao trabalho realizado na ECBH, ampliamos a discussão por meio dos conceitos de identidade (HALL, 2003) e memória (NORA, 1997), voltados para a dimensão global/local e na perspectiva dialógica.

Duas questões foram fundamentais na condução do estudo realizado em três partes, a saber, o pensamento instituído, percepção dos professores/as e oficina pedagógica:

- Qual o papel da ECBH no Sistema Municipal de Ensino?

- Quais racionalidades estariam presentes nas práticas educativas desenvolvidas pela instituição?

Chegamos a alguns indicadores, sempre provisórios, para levar a efeito práticas emancipatórias na produção do conhecimento no interior da instituição. No entanto, tendo defendido a dissertação em fevereiro de 2005, nossa expectativa era o retorno no mesmo ano à ECBH, visando um trabalho para além do empírico, para além do fazer desconectado da teoria que o sustenta e o legitima, aprofundando a reflexão acerca da relação museu/escola.

Ao termos nossa expectativa frustrada, novamente fomos desafiadas a atuar na escola formal. Durante quatro anos, período no qual outros trabalhos na área de educação também foram realizados, tendo sido possível no período a participação em fóruns ligados ao ensino de História com algumas publicações, bem como o assessoramento à escritura de diretrizes curriculares, entre outros trabalhos, pudemos dar continuidade às reflexões teórico-metodológicas iniciadas na problematização que o escopo da pesquisa exigiu, agora com o “pé” na sala de aula.

Nesses anos de atuação no interior da escola, práticas de educação patrimonial foram retomadas em diálogo com o ensino de História, agora com maior “conhecimento de causa” e não mais apenas intuitivamente, entendendo a cidade de Vitória e seu patrimônio paisagístico-histórico-cultural como um texto a partir do qual diversas leituras se entrecruzam, com base na identidade e na memória, conceitos fundamentais que aprofundamos na dissertação, conforme citado. Mas, confesso, não retornamos com nossos/as alunos/as à ECBH para uma visita de estudos nesse período. A ferida da frustração não havia cicatrizado.

Ao final do quarto ano, porém, quando recebemos o convite para assumir a direção da ECBH, função que efetivamente assumimos em fevereiro de 2009, a sensação era a de que o universo havia conspirado a nosso favor. Embora com atraso, a oportunidade de retomar as discussões que a pesquisa levantara e “testar” nossas proposições numa experiência pedagógica não só rara como desafiadora, mobilizou toda a nossa capacidade profissional.

O primeiro ano de retorno à ECBH foi de (re)aprendizado, de muito trabalho, mas também, confesso de novo, de muitas indefinições e nenhuma surpresa ao constatar que desde nossa saída, cerca de seis anos antes, as práticas pouco se modificaram. O museu parecia

um lugar cuja vitalidade fora ocultada e onde a repetição da “velha opinião formada sobre tudo” suplantava a possibilidade de ser uma “metamorfose ambulante”.

Lembro-me que logo que chegamos, iniciamos pelas arrumações. Queríamos remexer as gavetas, revirar os armários, jogar coisas fora, fazer modificações na disposição do mobiliário do setor administrativo, propor novas ambientações no espaço expositivo até ali praticamente “imexido”, recolocar a comunicação visual retirada, bem como substituir aquela cuja concepção queríamos problematizar tendo em vista sua superação.

De nossa intenção, essa oxigenação deveria abrir espaços, inclusive simbólicos, pressionar antigos e solidificados hábitos e, talvez, de alguma maneira, impactar pessoas subliminarmente convidadas a fazer a travessia entre as práticas arraigadas e repetidas há anos na direção de outras.

Mesmo sem certeza se nossa ação inicial estava tendo resultados, encaminhamos paralelamente a necessidade de concebermos nossas ações em projetos escritos, registrando esse fazer, deixando intencionalmente rastros de nosso fazer. Essa postura não era prática na ECBH e ainda hoje encontra dificuldades em seu enraizamento, razão pela qual grande parte da memória do fazer educacional da instituição que está prestes a completar 10 anos encontra respaldo apenas na oralidade correndo o risco de perder-se.

Em 2009, primeiro ano na direção da instituição, escrevemos alguns projetos, alguns realizados, outros não. Dentre os realizados, podemos citar brevemente: “Arte e folclore no museu” e “Reconhecendo lugares de memória: o bairro Santo Antonio”. Porém, nosso maior projeto do primeiro ano “sob nova direção” não conseguimos implementar plenamente até hoje, passados 19 meses (mas continuamos tentando).

Denominado “Projeto Roteiros Temáticos: diálogos entre natureza e cultura”, trata de um questionamento ao atendimento cotidiano que é feito na ECBH – as visitas guiadas -, na direção de questionar as práticas genéricas de abordagem do acervo, para abrir-se a práticas mais pontuais, num roteiro/discurso mais bem elaborado, beneficiando-se do olhar museológico na produção do conhecimento. Esse olhar demanda tempo.

Em acréscimo, continuando nosso questionamento às visitas genéricas, o caráter cronológico da abordagem, remetendo a uma visão que divide natureza e cultura, corrobora a idéia de que o conhecimento biológico é natural, anterior, verdadeiro, ao mesmo tempo em que oculta que o discurso biológico não pode naturalizar o que é socialmente construído.

Assim, a “poética da exposição” parecia/parece desconsiderar a produção de diferentes significados para a exposição e para os objetos entre si no espaço expositivo da instituição, isto é, o seu potencial emancipatório, apontando a idéia moderna de que a natureza é quantificável, classificável e, portanto, dominável.

Em decorrência dessa postura, o atendimento ao público considerado ideal era/é aquele que apresentava aos visitantes primeiramente o patrimônio natural anterior à ocupação humana, localizado no piso térreo e, num segundo momento, a história e a cultura capixabas nele originadas, em busca de uma suposta totalidade na apresentação do acervo.

Em parte, é preciso reconhecer, essa “cultura da visita genérica”, também ocorre porque boa parte do público que agenda as visitas na instituição, isto é, os professores e/ou pedagogos, quando indagados acerca do objetivo da visita, respondem invariavelmente: conhecer todo o acervo. Nesse mesmo sentido, também há aqueles que usam a lógica de “aproveitar o ônibus” e, então, querem visitar o museu todo em apenas 1h30 de visita, considerando com isso que “já conhece” o acervo da instituição.

No entanto, especialmente em se tratando de visitas escolares, entendemos que o museu não é um *shopping center* aonde se vai para consumir a coleção em exibição em uma só visita e, geralmente, sem objetivos claros. Os objetos ali reunidos são reflexivos, ou seja, perderam sua função utilitária e tem a função de trazer à reflexão, a partir de discursos bens conduzidos, discussões de alguns aspectos do conhecimento de cada vez. É como convidar para uma degustação, em pequenas porções.

Em nossas reflexões sobre o trabalho que realizamos, buscamos a compreensão teórica das dificuldades que encontramos nessa travessia entre a visita genérica e as visitas temáticas, na transição paradigmática na qual estamos imersos. Trata-se mesmo de reconhecer que as práticas com as quais o Projeto Escolas da Ciência foi concebido na década de 1990, e que estavam pautadas numa racionalidade puramente científica, cognitiva, ainda não foram enfrentadas definitivamente, sendo difíceis de modificar.

Fazendo aqui um parênteses, queremos registrar que embora reconheçamos a importância da cognição no processo ensino aprendizagem, não podemos compreendê-la como um valor em si mesma, pois é na interação com o sujeito que o conhecimento se efetiva. Ora, essa interação ocorre muito dificilmente se o discurso é genérico.

Há que se ter, portanto, aporte que fundamente a mudança, a transição de concepção, onde a conceituação de cidade educadora emerge. O que buscamos é um conhecimento como prática da liberdade (Freire, 1979) e emancipatório (Boaventura, 2002), encaminhando nossas perspectivas discursivas para as temáticas não disciplinares, na intenção de construir uma visão sócio-histórica-ambiental do conhecimento, transversalizando o currículo e outras práticas educacionais.

Nesse sentido, Oliveira (2006, p. 32-33), em livro que procura conduzir o pensamento de Boaventura aos desafios educacionais, indica:

[...] no paradigma emergente, o conhecimento constitui-se não mais em torno de disciplinas, mas em torno de temas, ou seja, a fragmentação pós-moderna é uma fragmentação temática e não mais disciplinar, entende-se os temas como galerias por onde os conhecimentos progridem ao encontro uns dos outros. Desse modo, entender-se-á que o conhecimento avança na medida que seu objeto se amplia, pela diferenciação e pelo alastramento de suas raízes em busca de novas e mais variadas interfaces.

Esclarecendo que essas impressões acerca do primeiro ano de nossa atuação na direção da ECBH, embora possam parecer assumir um certo ar de lamento, são reflexões que impulsionam nossa caminhada, uma vez que não desistimos dos propósitos assinalados, inclusive porque a equipe de trabalho renovou-se em 2010 e isso trouxe novo fôlego. Desse modo, para 2011, estamos trabalhando na efetivação dos roteiros temáticos, ao mesmo tempo que investimos na formação continuada de professores.

Referências

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

NORA, Pierre. **Les lieux de memoire**. Paris : Gallimard, 1997.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Boaventura e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.